**Guaranis em São Paulo? Uma entrevista com Adriano Sampaio sobre seu trabalho na aldeia Itakupe.**

1. Eu li um pouco sobre a sua história e também sobre como começou a iniciativa “Existe água em SP”. Mas eu queria saber mais sobre como começou seu trabalho com a aldeia Itakupe?

Eu moro em São Paulo, na capital, e me mudei para um bairro bem próximo das aldeias aqui do Jaraguá. Em 2014, comecei a frequentar as aldeias e a fazer amizade com os Guarani. Na época, eles estavam lutando pela demarcação de uma das aldeias da região. Eu já realizava um trabalho na praça da Nascente de revitalização de nascentes e também o festival Praça da Nascente, que unia iniciativas socioambientais e culturais e era organizado pelo coletivo Ocupe & Abrace. Então, convidei 60 Guaranis para participarem desse festival, para mostrarem sua cultura e para discutirmos sobre a demarcação de terras. A partir daí, formamos um grupo para apoiá-los nas suas lutas e, em 2015, iniciei o trabalho de manejo das águas na aldeia.

Comecei a construir lagos para criação de peixes e a organizar mutirões para o crescimento da aldeia, que ainda estava em estágio inicial, com apenas a família do cacique e mais outra família. Desde então, tenho trabalhado com eles.

1. Em 2015 a aldeia enfrentou tentativas de reintegração de posse. Você poderia falar mais sobre isso?

Em 2015, durante as tentativas de reintegração de posse, realizamos um encontro na aldeia chamado Abraça Itakupe, que reuniu mais de 200 pessoas para ampliar a luta dos Guarani pelo mundo. Mobilizamos artistas, ambientalistas, políticos e jornalistas para reconhecer o direito dos Guarani àquelas terras. Após algum tempo, o então ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, assinou a portaria declaratória da terra indígena Jaraguá, reconhecendo-a como ocupação tradicional dos Guarani. Agora, só falta a homologação das terras pelo presidente, o que está encaminhado, a menos que o marco temporal seja aprovado no Congresso. Apesar de termos um presidente de esquerda, a questão das terras indígenas é bastante atacada pelo Congresso, que busca aprovar leis que prejudicam o direito dos povos originários, especialmente o direito originário à terra. Portanto, independentemente do governo, sempre há tentativas de suprimir os direitos dos povos indígenas, e é por isso que precisamos continuar sempre lutando. Tendo agora uma ministra como a Sônia Guajajara e o Ministério dos Povos Indígenas, acredito que a situação pode melhorar. Acredito que esse território está prestes a ser reconhecido; inclusive, a ministra esteve pessoalmente na aldeia algum tempo atrás.

1. Com relação ao trabalho na Aldeia para a construção dos lagos, como foi feito?

Esse trabalho na aldeia combina a permacultura com os conhecimentos ancestrais. Os Guaranis lidam com os recursos naturais de uma maneira diferente, pois para eles tudo é feito de ciclos. O seu calendário acompanha os ciclos da natureza, começando com o ano novo em agosto/setembro, quando inicia a temporada de chuvas e da primavera, período de procriação dos animais e frutificação das árvores. Eles têm um profundo respeito por todos os elementos da natureza, por todos os seres vivos, considerando-se parte dela, não donos. Para eles, a água é sagrada, um ser vivo com espírito. Acreditam que os rios são as artérias do nosso planeta, elas levam a água como se estivesse levando o sangue.

Realizamos mutirões, envolvendo os indígenas e pessoas de fora, para executar os trabalhos manualmente, sem máquinas. Isso permite-nos observar muitas coisas, que seriam perdidas com o uso de máquinas, como os ciclos da água, da chuva, das árvores, das plantas, dos animais… compreendendo melhor a cosmovisão dos povos indígenas e a sua relação com a natureza.

1. Após anos trabalhando com os Guarani e tendo contato próximo com a natureza, há algum aprendizado que você gostaria de compartilhar?

Acredito que temos muito a aprender com eles, especialmente diante das mudanças climáticas e dos eventos extremos Os indígenas têm uma relação de respeito com o planeta, priorizando a natureza. Para nós, a natureza também deveria ser prioridade em nossas vidas. Nós não colocamos isso nem mesmo em segundo plano, a natureza foi praticamente excluída das nossas vida, como se nós não fizéssemos parte dela. Isso gera um “déficit de natureza” nas pessoas nas grandes cidades, contribuindo para o surgimento de novas doenças, epidemias e problemas mentais, índices que só crescem nas áreas urbanas. Hoje, na cidade de São Paulo, nem podemos nos aproximar de nenhum rio, pois estão poluídos, com mau cheiro e são vetores de doenças. Se os rios estão contaminados, é como se as veias e artérias do nosso corpo também estivessem doentes. Vivemos num meio ambiente urbano doente, que vai adoecendo as pessoas. Precisamos aprender a nos reconectar com a natureza, renaturalizar os espaços, recuperar nossos rios, mesmo estando dentro da cidade. Senão, corremos o risco de nos tornarmos estufas, onde o vento não circula. São tantos prédios, tantas casas, que só têm sombra, onde o sol não bate mais, tornando-se ilhas de calor, sem vegetação. E quando chove, ocorrem as enchentes. Elas são um produto criado pelo ser humano, pela falta de respeito às várzeas dos rios. Alguns antropólogos afirmam que o futuro é ancestral, pois tudo que os cientistas estão dizendo agora, os indígenas já afirmavam há muito tempo, em forma de parábolas, em forma de sonhos e profecias.

1. Qual é a meta hoje do projeto na Aldeia?

A meta é desassorear o rio e criar um lago de mais de 200 metros para a criação de peixes, além de reflorestar a área. Já existem quatro lagos na aldeia, porém são lagos pequenos e suprem a subsistência das aldeias. Esse projeto é mais amplo devido à gravidade das mudanças climáticas. Assim, traremos o peixe de volta para a aldeia, um dos alimentos mais tradicionais dos povos indígenas. A recuperação desse rio não trará apenas benefícios para a aldeia, mas também para o planeta, auxiliando na biodiversidade dos animais que ali vivem e no clima local.

Como você acredita que podemos melhorar a situação das águas na cidade de São Paulo? Quais medidas o governo e a população devem tomar para enfrentar esse desafio?

A questão do abastecimento de água de São Paulo envolve trazer água de longe e fazer transposições, uma tecnologia ultrapassada. Deveríamos, primeiramente, despoluir os rios e fazer parques lineares. São mais de 300 rios na cidade de São Paulo, mas a cidade foi feita para os automóveis e não para as pessoas. Se nós criássemos parques lineares que ligassem a cidade toda, nós teríamos menos carros nas ruas, e também iria resolver o problema das enchentes.

Nós precisamos reverter essa lógica, priorizando a renaturalização e recuperação de áreas verdes e rios na cidade. Isso não só traria mais qualidade de vida para a população, mas também melhoraria a mobilidade urbana, que é muito difícil na cidade de São Paulo. Poderíamos adotar outros modais de mobilidade, como andar ou pedalar na beira desses rios.

Precisamos recuperar nossos rios aqui da cidade, captar a água deles e fazer mini-reservatórios e com mini-estações de tratamento nos bairros, como se fossem ecobairros, com gestão feita pela própria população. Ela receberia capacitação para realizar esse trabalho e isso também geraria renda para a população.

Além disso, as empresas precisam participar de parcerias com o poder público, para revitalizar esses lugares. Uma parte do lucro delas deveria ser destinada a questões ambientais na cidade. No geral, são necessárias parcerias entre o poder público, privado e com a própria população para melhorar a vida na cidade. Acredito que essa seria uma solução. Mesmo na cidade de São Paulo, podemos fazer algo. Temos que agir onde estamos.

Adriano Sampaio é ambientalista e permacultor. Ele atua com o seu projeto “Existe Água em SP” desde de 2013 na cidade de São Paulo.

Luiza Rodrigues, estudante de ciências políticas e sociologia na Universidade Würzburg, foi estagiária da KoBra durante os meses de fevereiro a abril de 2024.